

## INTRODUÇÃO

Em 1983, quando publicou *Nouveau discours du récit*, Gérard Genette defendeu-se de uma acusação que lhe fora feita, relativamente a uma lacuna de que padecia o seu “Discours du récit”, publicado cerca de dez anos antes, e inserto no volume *Figures III*. A menorização da personagem, tal era a lacuna apontada por Shlomith Rimmon, fora, respondeu Genette, uma opção assumida por quem se interessava “davantage au discours constituant qu’à l’objet constitué, ce ‘vivant sans entrailles’ qui n’est ici (contrairement à ce qui se passe chez l’historien ou le biographe) qu’un effet de texte.”<sup>1</sup> Mesmo amenizada pelas aspas, a imagem do “ser vivo sem entranhas” (expressão cunhada por Paul Valéry) diz tudo: na sequência do que fora o exemplo da análise estrutural da narrativa dos anos 60, a narratologia, em grande parte fundada por aquele decisivo ensaio de Genette, desvalorizava a dimensão psicológica, social e ideológica da personagem. Tratá-la como *efeito de texto* significava mais ou menos o mesmo que dizer, como Roland Barthes, no ensaio de abertura do número 8 da revista *Communications* – também ele, à sua maneira, fundacional –, que a personagem e o narrador eram “seres de papel”, sem outra densidade que não fosse a que era deduzida de funções desempenhadas na estrutura da narrativa.

Hoje sabe-se que aquilo que aos nossos olhos parece excessivo tinha, na época, se não uma justificação, pelo menos uma explicação. A expedita morte do autor e, por extensão, a subalternização da personagem eram, afinal de contas, respostas agrestes a outros excessos.

1 G. Genette, *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983, p. 93.

Refiro-me à matriz positivista e aos impulsos biografistas da história literária provinda do século XIX, posta em causa desde a emergência do Formalismo Russo. Bem mais tarde, já nos anos 60, a chamada *nouvelle critique* refutava, no decurso de uma célebre querela, a hegemonia exercida ao longo de muitas décadas por aquela história literária, em especial no mundo académico francês.

Nas águas agitadas em que se deram aquelas navegações, a personagem balançou violentamente entre posições opostas: num extremo, limitava-se a exegese da ficção ao ato diligente de saber que personalidade real se escondia por detrás de determinada personagem (grandes romancistas como Flaubert, Clarín, Eça ou Machado de Assis sofreram esse persistente assédio); no extremo oposto, a análise morfológica proppiana prolongou, por décadas, uma conceção funcional da personagem na estrutura narrativa. A construção do esquema actancial greimasiano foi o cume atingido por essa escalada sem retorno seguro. Não era menos esquemática a famosa e extensivamente glosada distinção entre *flat characters* e *round characters*, cunhada num ensaio famoso de E. M. Forster (*Aspects of the Novel*, de 1927), com largo curso no mundo anglo-saxónico e mesmo para além dele; justifica-se, assim, o que escreveu, em 1965, W. J. Harvey: “What has been said about character since then [entenda-se: desde Forster] has been mainly a stock of critical commonplaces used largely to dismiss the subject (...)”<sup>2</sup>.

A afirmação dos estudos narrativos (ou da narratologia pós-clássica), ocorrida a partir do fim do século passado, a sua consolidação e aprofundamento respondem a muitas das carências e das desmesuras que deixo brevemente assinaladas<sup>3</sup>. Desde então, procurou-se reava-

---

2 W. J. Harvey, *Character and the Novel*. London, Chatto & Windus, p. 192.

3 Uma análise mais extensa desta “reinvenção” da personagem no contexto dos modernos estudos narrativos encontra-se no meu livro *Pessoas de Livro. Estudos sobre a Personagem*

lorizar a personagem, num cenário teórico e epistemológico mais complexo e mais exigente do que aquele que conhecemos no tempo da narratologia propriamente dita. Ganham aqui proeminência dois conceitos que, sob várias formulações, dominam os modernos estudos narrativos: o conceito de interdisciplinaridade e o conceito de transnarratividade.

Os caminhos de indagação que ambos inspiram foram bem sinalizados por David Herman, uma referência obrigatória neste domínio, quando notou que, por exemplo, as questões de gênero não eram adequadamente apreendidas à luz das antigas categorias da narratologia<sup>4</sup>. Do mesmo modo, a teoria e a análise da narrativa atuais interagem e diversificam-se com outros contributos, chegados das bandas da inteligência artificial e das construções hipertextuais, dos estudos de cinema e da análise do discurso, das ciências cognitivas e dos estudos mediáticos, dos estudos culturais, dos estudos comparados e dos estudos pós-coloniais.

Um número temático da influente revista *New Literary History* (vol. 42, n.º 2, de 2011) veio, pelo seu lado, sublinhar que, neste movimento de revitalização teórica e operatória, deveria ser reservado um lugar de destaque à personagem. “In the last decade (...) we have seen the sudden revitalization of a once moribund field”<sup>5</sup>, diz-se na introdução. Esse campo agora reanimado é justamente o dos estudos de personagem, carecendo aquela reanimação da superação de uma imagem ultrapassada: “No doubt, a certain conception of what constitutes character – an idea of unified, unchanging, intrinsic,

(em especial no capítulo “Estudos narrativos: a questão da personagem ou a personagem em questão”).

4 Cf. D. Herman (ed.), *Narratologies. New Perspectives in Narrative Analysis*. Columbus, Ohio State University Press, 1999, p. 2.

5 Rita Felski, “Introduction”, in *New Literary History*, vol. 42, 2, 2011, p. V.

or impermeable personhood – is no longer sustainable on theoretical or historical grounds.”<sup>6</sup>

É neste contexto que o projeto de investigação “Figuras da Ficção”, integrado no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra (<http://www.uc.pt/fluc/clp>), foi retomado e tempestivamente desenvolvido desde 2012. No roteiro que foi traçado, o projeto fixou como propósito central “o estudo da personagem ficcional, entendida como categoria fundamental do discurso literário e especificamente dos textos narrativos ficcionais”. E logo depois: “Esse estudo será desenvolvido tendo-se em atenção diversos critérios de abordagem e diferentes parâmetros de existência da personagem ficcional”, o que abre caminho a que sejam contempladas também as relações transliterárias que a personagem ficcional permite, tendo em conta a sua existência em discursos não literários (ver <http://www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/litpor/figfic>).

Este último aspeto merece ser sublinhado, pensando-se já no que se pode ler neste número da *Revista de Estudos Literários*. Assim, a teoria e a história, a figuração e a refiguração da personagem contemplam práticas discursivas do nosso tempo (o cinema, a televisão, a banda desenhada, etc.); essas práticas discursivas são tanto mais interessantes quanto é certo que, não raro, elas decorrem de uma matriz literária, como se vê no caso das adaptações.

O projeto “Figuras da Ficção” reúne agora cerca de trinta investigadores de várias universidades, sobretudo de Portugal e do Brasil. O trabalho desenvolvido encontra-se estrategicamente orientado para resultados que vão tomando forma e que se concretizam por meio de atividades programadas e regularmente executadas, entre as quais se contam workshops, conferências, colóquios, relatórios de progresso e um blogue homónimo (ver <http://figurasdaficcao>).

6 Rita Felski, *loc. cit.* p. IX.

wordpress.com). Apontam aquelas atividades para um termo final: a elaboração de um dicionário de personagens da ficção portuguesa, que está agora a dar os primeiros passos, tendo em vista desde já uma versão em suporte eletrónico.

Na linha do que fica dito, realizou-se, em 4 e 5 de novembro de 2013, na Faculdade de Letras de Coimbra, o quarto colóquio “Figuras da Ficção”, concebido e dinamizado como uma das atividades regulares do projeto<sup>7</sup>. As mais de trinta conferências e comunicações que nele foram apresentadas encontram-se já publicadas em versão eletrónica; está previsto igualmente que essas conferências e comunicações sejam proximamente disponibilizadas em linha, no *website* que está a ser desenvolvido para o dicionário de personagens que antes mencionei.

O presente número da *Revista de Estudos Literários* do Centro de Literatura Portuguesa procede agora à publicação, em formato convencional, daquelas intervenções que mais diretamente correspondem ao espírito do projeto “Figuras da Ficção”. Com uma exceção, nele participaram já ou continuam a participar os autores dos textos que adiante podemos ler, distribuídos por três secções, a saber:

- Em “Teoria, figuração, interpretação” encontram-se três das conferências apresentadas no colóquio “Figuras da Ficção 4”, tratando de questões de teoria, de análise interdisciplinar e transnarrativa, bem como de exegese renovada, à luz da problemática da figuração.
- Em “Figuração literária: estudos de personagem” a questão da figuração (uma questão que é axial, tendo em vista as bases e os objetivos do projeto) orienta-se para a análise de casos especí-

<sup>7</sup> As comunicações apresentadas no primeiro colóquio, que teve lugar em julho de 2005, estão reunidas em C. Reis (coord.), *Figuras da Ficção*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006. O segundo e o terceiro colóquios realizaram-se em 2007 e em 2012, no Brasil.

ficos (no romance barroco, em Garrett, em Eça de Queirós, em Lobo Antunes, em António Tabucchi, em Lídia Jorge, em Mia Couto, em Dulce Maria Cardoso, etc.).

- Em “Figurações transmediáticas” são inseridos aqueles textos que, confirmando o potencial de diversificação dos estudos narrativos e dos estudos de personagem, abordam narrativas do chamado *universo mediático*, em que a figuração e a figura ficcional conhecem também um destaque apreciável: no discurso de imprensa, na banda desenhada, no cinema, no relato televisivo e no universo digital.

\* \* \*

Para além das resenhas críticas, este número 4 da *Revista de Estudos Literários* inclui a habitual secção de arquivo. Tal como em números anteriores, trata-se aqui de relembrar textos com significado (digamos) histórico para os estudos literários. Neste caso, recolhemos um conjunto de textos de Júlio Dinis, escritos em circunstâncias singulares (o escritor encontrava-se na ilha da Madeira, tentando debelar a enfermidade de que viria a morrer, muito jovem ainda). Não é só a personagem, tema central deste número, que está em equação no arquivo que adiante se encontra; o autor d’*As Pupilas do Senhor Reitor* alonga-se em considerações que dizem respeito a outros aspetos da escrita do romance, dando testemunho de uma argúcia e de uma capacidade de enunciação doutrinária que talvez sejam desconhecidas de quantos rapidamente catalogam Júlio Dinis como escritor “fácil”.

Uma nota final, para agradecer a Marisa das Neves Henriques a competente e dedicada ajuda que me deu na edição deste número da *Revista de Estudos Literários*.

*Carlos Reis*